

{ Dossiê

# Sobre gratidão e abundância: algumas palavras acerca do trabalho de e entre mulheres

DOI: 10.12957/ek.2019.49905

Dra. Rebeca Furtado de Melo  
[rebecafurtado7@gmail.com](mailto:rebecafurtado7@gmail.com)

O editorial que escrevi com a Helena Soares há cerca de um ano para o dossiê *Gênero e conhecimento*<sup>1</sup> falava da esperança de ver nossas iniciativas florescerem em meio a tantos processos de desertificação que invadem nossa existência. Hoje, ao finalizarmos mais esse dossiê, sinto vontade de falar sobre a alegria de ver nossos trabalhos frutificarem. E, aqui, “nossos trabalhos” se refere a muito mais que a organização propriamente dita deste dossiê. Essa expressão fala sobre nossos esforços e a dedicação com que durante anos, individual e coletivamente, muitas mulheres, em redes distintas e plurais, em conexões múltiplas e variantes, têm desenvolvido projetos, seja a partir da docência, seja por meio de suas pesquisas, militâncias, nos cuidados mútuos, nos grupos de apoio e acolhimento e nos mais diversos tipos de editoração, publicação e divulgação de nossas vozes, pensamentos e sentimentos, e de tantas outras vozes que o patriarcado branco, cishétero normativo insiste em tentar silenciar.

O que caracteriza o aparecimento dos frutos é esse momento específico do ápice de um cultivo, que reúne em si o fim e o reinício de um ciclo. Evidentemente,

---

<sup>1</sup> Trata-se do dossiê “Gênero e conhecimento: saberes localizados e poder” (2019) publicado na revista *Em construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, que pode ser acessado em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/issue/view/2010>. Acessado em 06/04/2020.

para ontologias e temporalidades pensadas a partir do paradigma cíclico de regeneração e fertilidade, não há nada mais “natural”. O frutificar nos presenteia com a abundância que nos nutre e a felicidade da colheita que recompensa o período de cultivo, muitas vezes longo, e todos os cuidados e dedicação que ele exige, mas, ao mesmo tempo, lembra da necessidade de voltarmos a semear para seguir vivenciando a fartura no amanhã. Há alguns anos tenho o privilégio de compor coletivos, especialmente de mulheres, de militância pela agroecologia e tenho aprendido que “para comer todos os dias, precisamos cultivar todos os dias”.

É isso que vivenciamos hoje na *Ekstasis*. A publicação deste dossiê representa certamente um ápice de nosso trabalho (feminista). Nesses oito anos de existência, muitas vezes não foi fácil “cultivar” a *Ekstasis* e bem poucas pessoas acumularam muitas funções para que esse projeto não morresse. Em sua grande maioria, a responsabilidade do trabalho não remunerado de cuidado com a editoração foi feito por mulheres (isso quer dizer que, obviamente, houve homens que desempenharam funções absolutamente fundamentais, mas, quase sempre sem regularidade e, muitas vezes, sem comprometimento com prazos e tarefas assumidas). Não tenho palavras para agradecer o trabalho incansável da Vanessa Destri, responsável pela direção gráfica da revista, incluindo a identidade visual e a diagramação de todas as edições da *Ekstasis*. Nesses oito anos em que trabalhamos juntas, a Vanessa foi uma das poucas pessoas que jamais “abandonou” uma tarefa. Agradeço também à Nathalia Ávila, que, há anos, é praticamente a única servidora que atua na manutenção e administração, em todas as funções que isso envolve, do portal de publicações da UERJ, que reúne diversos periódicos da Universidade e todas as suas pendências e demandas.

Ironicamente, mas não surpreendentemente, quase 70% dos trabalhos publicados até hoje na *Ekstasis* são de autoria de homens (não fiz o levantamento de outros cortes como raça, classe e sexualidade por essas questões ficarem ainda mais invisibilizadas na academia, na medida em que, geralmente, não “temos esses dados”). O que leva a essa diferença de gênero tão impactante na produtividade acadêmica, especialmente na filosofia, refletida nessa porcentagem?<sup>2</sup> Bom, muitas autoras feministas têm, há décadas, denunciado como as mulheres acumulam funções não remuneradas<sup>3</sup>, sobretudo, com trabalhos de cuidado, como as tarefas domésticas e a responsabilidade pelos filhos ou idosos da fa-

2 Evidentemente, uma resposta para essa questão precisa envolver diversos aspectos além dos fatores pontuais que irei destacar aqui. Para uma análise mais ampla sobre o tema, ver o artigo de Louise Antony: “Different voices or perfect storm: why are there so few women in Philosophy?” In: *Journal of Social Philosophy*, 43(3), 227–255, 2012.

3 Ver, por exemplo, *Revolution at point zero: housework, reproduction and feminist struggle* (PM Press, 2012) de Silvia Federici.

mília, para nem falar dos animais domésticos e das plantas. Em um país como o nosso, que não fornece quase nenhuma estrutura institucional para fazer pesquisa e no qual, na maior parte das vezes, na filosofia, esse trabalho é feito em domicílio, não é difícil imaginar o quanto esse acúmulo de funções impacta na possibilidade de escrever e publicar das mulheres<sup>4</sup>. Eu gostaria, contudo, de chamar a atenção para uma sobrecarga ainda mais inerente à nossa vida acadêmica, estritamente falando.

Desde sua criação, em 2012, exerço a função de editora-chefe da Ekstasis. Na época, a ideia de criar a revista surgiu em coletivo composto quase exclusivamente por homens, apenas eu era mulher, e ficar com essa tarefa me pareceu um privilégio. Hoje, eu percebo muito mais nitidamente como as mulheres têm sido usadas, mesmo na academia, para cumprir funções de manutenção das condições básicas para a produtividade masculina<sup>5</sup>. De certa forma, muitas vezes, se reproduz a divisão do trabalho patriarcal da esfera familiar na esfera profissional, no qual as mulheres são sobrecarregadas, com tarefas de cuidado e organização, para que os homens possam ocupar os lugares de fala e liderança. Essa divisão, que pode ser mascarada com um elogio às mulheres por sua suposta maior organização, sua capacidade de cumprir prazos, de dar conta de diferentes tarefas ao mesmo tempo e por seu comprometimento e sua responsabilidade com as tarefas que assumem e executam (mas, muitas vezes também devido à nossa educação para sermos mais submissas e aceitarmos papéis subalternos), permite que muitos pesquisadores homens assumam con-

4 Em tempos de defesa da reclusão em casa (para aqueles/as que algo como isso é possível), como o que estamos vivendo neste momento provocado pela pandemia, a pressão e a sobrecarga dos trabalhos do cuidado das crianças, dos idosos e dos doentes aumentam ainda mais para as mulheres. Não poder contar com pessoas ou instituições para dividir essas tarefas, sejam escolas, creches, avós, ou mesmo hospitais e outros profissionais e trabalhadores (mesmo as mulheres burguesas que terceirizam esses trabalhos, geralmente a partir da força de trabalho de mulheres mais vulneráveis - também sentem neste momento tal sobrecarga recaindo sobre si), ao mesmo tempo em que se faz necessário continuar também realizando as funções que garantem uma fonte de renda, seja em *home office*, seja tendo que sair e se expor e expor sua família, faz com que as mulheres se tornem as mais atingidas e vulneráveis por esses tipos de crises. Além disso, já temos dados sobre aumento da violência doméstica neste período de isolamento, cujas maiores vítimas são mulheres e crianças. Por outro lado, como defendido recentemente pela antropóloga Debora Diniz, a pandemia também traz a possibilidade de que conceitos feministas como o cuidado e a interdependência, muitas vezes invisibilizados ou menosprezados pelo debate público patriarcal capitalista, se tornem urgentes e passem a ocupar as discussões sobre a nossa vida coletiva. Para essa análise e demais dados, ver: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/04/mundo-pos-pandemia-tera-valores-feministas-no-vocabulario-comum-diz-antropologa-debora-diniz.shtml>. Acessado em: 06/04/2020.

5 Essa questão, como muitas outras sobre feminismo, mulheres e filosofia, nasceu de uma discussão relativamente recente com Joana Tolentino, Aline do Carmo e Juliana Lira. Agradeço a elas a possibilidade de pensar criticamente sobre esses problemas, por meio e para além da esfera de nosso grupo de pesquisa (CORPODER - Filosofias decoloniais: corpos, poderes e saberes) mas, sobretudo, pela amizade e inspiração destes últimos anos.

fortavelmente o papel de inaptidão total para cuidar até mesmo de suas próprias vidas acadêmicas, o que dirá de outros processos institucionais e burocráticos que são fundamentais para que qualquer pesquisa ocorra.

Engana-se quem pensa que este texto, por ser escrito em primeira pessoa, trata de uma experiência individual e de relações acidentais que atravessaram a minha formação. O que está em jogo aqui é muito mais que o comportamento individual e específico de algumas pessoas, mas um sistema de poder patriarcal que também determina nossos comportamentos e desempenho na academia. Essa experiência é muito mais comum do que pode parecer e é tão naturalizada que, muitas vezes, nem mesmo aparece como um problema para muitas de nós.

Meu ponto é: assim como em nossas existências individuais e coletivas não há vida sem cuidado, tampouco há pesquisa sem a manutenção de determinadas estruturas institucionais. A partir dessa constatação, podemos continuar reproduzindo uma dicotomia - cujas raízes filosóficas encontramos na Grécia Antiga - que considera que as tarefas de manutenção da vida, “de sobrevivência”, de cuidado não autorreferenciado, são meras tarefas de reprodução, não sendo portanto, o lugar do pensamento e da criação e, assim, não são dignas do tempo de homens livres (ou intelectuais “sérios” e pesquisadores “bons”) na medida em que não representam o que há de mais “elevado” ou o que é “propriamente humano”. Nesse sentido, vamos precisar continuar defendendo algum tipo ou versão de escravidão<sup>6</sup> ou, pelo menos, de subalternização, das mulheres, dos escravizados e dos estrangeiros (aqui pensando na ideia de relegar essas tarefas a um corpo técnico de fora da filosofia que continue sendo tratado como um grupo subalterno ou aos orientandos, quase sempre orientandas, até que eles/elas possam finalmente terminar sua formação e serem “promovidos/as”, podendo assim explorar e subalternizar a força produtiva de seus/suas próprios/as orientandos/as). Ou, podemos, como as feministas “revolucionárias; não reformistas”<sup>7</sup> têm defendido, implodir esses pressupostos metafísicos (onto-episteme-política), que em grande medida fundamenta e estrutura o projeto

6 Provavelmente, a defesa mais explícita dessa tese na Modernidade seja a feita por Nietzsche em *Além do Bem e do Mal*, aforismo 257, mas, certamente, há inúmeras variantes em boa parte da tradição filosófica Ocidental desde os gregos.

7 Uso aqui a distinção proposta por bell hooks para se referir a uma polarização fundamental existente no movimento feminista entre as mulheres que são reformistas, na medida em que defendem a manutenção do sistema vigente e desejam apenas ocupar o lugar de poder que foi historicamente reservado aos homens, e as revolucionárias, aquelas que querem transformar o próprio sistema, quer dizer, que criticam a concepção de poder como dominação, exclusão e subalternização de outros corpos/subjetividades/vidas. Para essa discussão, ver a coletânea de textos: *O feminismo é para todo mundo*. (Rosa dos Tempos, 2019) de bell hooks, especialmente, mas não apenas: “Políticas feministas: em que ponto estamos”, pp. 17-24.

histórico do Ocidente, fundados em uma dicotomia hierarquizada de dominação e reconhecer a importância do lugar da necessidade, da reprodução e da manutenção da vida (em muitos sentidos) como tarefas humanas por excelência e, por isso mesmo, perceber quantas outras possibilidades políticas, epistêmicas, estéticas e ontológicas não podem ser resgatadas dessas experiências de cuidado não autorreferenciado<sup>8</sup>.

A partir dessa constatação, poderíamos ainda pensar em reorganizações mais justas das tarefas, com divisões mais igualitárias e revezamentos mais recorrentes para que possamos, quem sabe, fomentar a publicação de mulheres e outros grupos subalternizados (porque o simples convite, sem o comprometimento efetivo com as condições materiais para que ele seja viável, é demagogo e cínico). Evidentemente, muitas vezes, essas condições são estruturais e excedem muito o nosso campo de ação. Eu não espero que um colega se disponha a cuidar do filho de uma colega sobrecarregada pela maternidade ou a passar algumas horas do dia como ascensorista para que esses profissionais possam estudar - em linhas gerais, não me parece razoável a defesa de que uma dívida histórica possa ser paga com um sacrifício individual, pois, me parece que qualquer esforço individual está aquém da solução do problema e pode gerar outros tipos de injustiça. Creio que medidas de reparação histórica devem ser promovidas por políticas públicas e institucionais, o que evidentemente não nos exime de nos comprometer na não manutenção de tais violências e opressões a partir de nossas próprias existências. Neste sentido, que meus colegas sejam capazes de se comprometer com o cuidado dos próprios filhos e casas e com o desempenho decente de funções burocráticas e acadêmicas que assumem (sem terceirizar essas funções ou sobrecarregar outras pessoas que trabalham com eles - especialmente mulheres) me parece bastante razoável. Esforçar-se para ensinar o pensamento de filósofas também é muito relevante para minimizar esses silenciamentos históricos e a subalternização das mulheres na filosofia. Essas medidas podem, provavelmente, diminuir a produtividade deles. Mas, já passou do tempo de levarmos a sério as nossas críticas ao modelo de produtivi-

8 Essa ressalva me parece importante na medida em que o cuidado de si ou o cuidado pensado a partir da inexorabilidade da vida com a própria existência é um problema que perpassa a tradição ocidental, a partir da “herança grega”, de maneira completamente legitimada (Para uma discussão sobre o tema, ver, por exemplo, *História da sexualidade*, especialmente o volume II: *O uso dos prazeres* e o III: *O cuidado de si*, de Foucault). O que foi relegado aos grupos subalternizados, como as mulheres ou os povos historicamente escravizados ou pessoas subalternizadas, é justamente o cuidado do outro ou da reprodução e da manutenção das condições de sobrevivência da espécie, dos indivíduos e da sociedade em termos coletivos. Essa distinção aparece de maneira muito evidente em *A condição humana*, de Hannah Arendt, a partir da distinção entre labor e ação, ainda que de maneira completamente acrítica do ponto de vista da opressão de gênero, da exploração e subalternização do outro e da invisibilização dos aspectos essencialmente políticos que atravessam o labor em suas mais variadas manifestações.

dade imposto pelo capitalismo contemporâneo, pensando sobre o quanto nossas compreensões filosóficas e nossas práticas existenciais são sustentadas por uma mesma ontologia de base - de dominação e exploração sexista, misógina, racista, classista, colonialista e de extermínio da vida em suas diversas manifestações, geralmente em nome da produtividade e do lucro. Isso para nem falar em diversos casos mais explícitos e violentos, nem por isso menos comuns, de misoginia e machismo nas academias: desde comentários sexistas e machistas dos mais diversos tipos até casos de assédios sexuais dos quais qualquer uma de nós, mulheres da filosofia, podemos dar exemplos sem muito esforço.

Ao mesmo tempo, seria hipócrita não reconhecer que a questão de gênero é insuficiente para dar conta das exclusões históricas, silenciamentos e subalternizações produzidas dentro e a partir da academia. De fato, a vontade de fazer esse dossiê surgiu da necessidade de trazer à tona a diversidade de vozes e experiências que compõe os feminismos e as experiências de ser mulher e os desafios epistemológicos, políticos e éticos que elas suscitam. Queríamos ampliar e esgarçar o círculo de autoras para além das mulheres brancas e acadêmicas que, apesar de todos os desafios impostos pelo machismo institucional, ainda possuem diversos privilégios que nos permitem produzir e publicar e, assim, ter nossas vozes reconhecidas, amplificadas nesse âmbito que ainda, em geral e de forma excludente, é considerado o único ou o principal lugar de produção de conhecimento. Para isso, contudo, é necessário questionar os parâmetros e critérios impostos pela academia para avaliar a “qualidade” de nossos trabalhos. Mesmo uma proposta de avaliação às cegas, por exemplo, que, a princípio, pode parecer interessante na medida em que combate possíveis favorecimentos ou “perseguições” pessoais, garantindo maior “objetividade” na avaliação de um artigo submetido, pode se tornar uma estrutura de exclusão. “Fechar os olhos para quem fala” frequentemente reforça critérios que beneficiam determinados grupos privilegiados como, por exemplo, pessoas que tiveram acesso desde a infância, a partir da educação formal “de qualidade”, ao treinamento linguístico da norma “cultura” de um idioma e por isso possuem maior domínio de regras ortográficas de sua língua “materna” ou de idiomas estrangeiros, mas mais do que isso, que foram treinadas a partir de uma tradição masculinista, hegemônica e colonial que é validada nesta estrutura.

É evidente o quanto determinadas condições materiais como ter um local de trabalho adequado, um computador com acesso à internet, bibliotecas à disposição e verba para pesquisa são fatores determinantes na possibilidade de produção acadêmica. Neste sentido, a conjuntura atual de desmonte da educação pública como um todo, especialmente das universidades e das bolsas de estu-

dos, certamente aprofunda ainda mais essas exclusões. Contudo, pensar que a exclusão de vozes e da diversidade de pensamento se reduz a isso é fazer uma análise muito superficial da questão<sup>9</sup>. Precisamos levar a sério questões sobre quem ou o que determina o que é conhecimento ou filosofia, quem ou o que decide quais autores/as compõem sua tradição, quais questões são legítimas de serem abordadas e quais metodologias são validadas para isso. Se não formos capazes de questionar radicalmente esse modelo de ciência e filosofia ocidental e sua pretensão de ser o lugar do conhecimento legítimo, não seremos capazes de perceber o quanto elas são, em muitos aspectos, essencialmente excludentes na medida em que, apesar de serem um modelo de conhecimento muito parcial, em grande medida, masculino, racista e colonial, ainda se realizam a partir de uma narrativa hegemônica que reivindica para si a universalidade e a neutralidade<sup>10</sup>.

Na prática, muitas dessas questões filosóficas não são simples de serem operacionalizadas como princípios políticos de ação (como eu disse acima, muitas questões estruturais excedem os limites de nossa capacidade individual) e podem nos levar a contradições performáticas. Este ainda é um dossiê, em linhas gerais, bastante acadêmico e não conseguimos, apesar de um grande esforço, garantir a participação de várias mulheres que julgamos que trariam contribuições muito relevantes para essa discussão. O fato de ter sido muito mais fácil conseguir textos de mulheres brancas com vínculo institucional do que diversas outras vozes historicamente mais subalternizadas, evidentemente, não é ocasional. Ainda assim, apostamos politicamente que as pequenas fissuras e subversões que produzimos aqui privilegiando outros critérios de seleção como lugares de fala, diversidade de experiências vividas e comprometimentos políticos com a não opressão e o silenciamento de vozes, ao invés dos critérios formais e acadêmicos usuais, são potentes para despertar em nós provocações filosóficas que possam causar estranhamentos e abrir caminhos de questionamentos até mesmo sobre a própria filosofia e sua tradição hegemônica.

9 Para uma análise sobre como o sistema educativo tem sido um instrumento de expansão e manutenção do modelo civilizatório ocidental e da colonialidade patriarcal e racista, ver a entrevista de José Tristán a Yuderlys Espinosa Miñoso: “Feminismo decolonial: Una ruptura con la visión hegemónica, eurocéntrica, racista y burguesa”. Disponível em: <https://iberoamerica-social.com/feminismo-decolonial-una-ruptura-con-la-vision-hegemonica-eurocentrica-racista-y-burguesa/>. Acessado em: 05/04/2020.

10 Para essa discussão, ver, por exemplo: *Monoculturas da Mente* (Gaia, 2003) de Vandana Shiva; “Feminist Research: Science, violence and responsibility”. In: Mies, Shiva. *Ecofeminism*, Zed Books, 1993) de Maria Mies; “Objetividade mais forte para ciências exercidas a partir de baixo” (In: *Em construção: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência*, n. 5, 2019) de Sandra Harding, disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/emconstrucao/article/view/41257>. Acessado em 06/04/2020.



Para manter a analogia do cultivo, a proposta agroflorestal, em termos simplificados, classifica as plantas a partir de uma dinâmica de sucessão que possui três tipologias básicas: as pioneiras, as secundárias e as climácicas. A ideia fundamental é que solos que foram submetidos a processos de degradação e escassez de nutrientes muito intensos como, por exemplo, os resultantes de plantios monoculturais ou de desmatamento para a produção de pastos, estão tão desgastados e empobrecidos que são incapazes de garantir as condições necessárias para que a maioria das plantas possam se desenvolver adequadamente. Eles precisam assim, ser submetidos a um processo progressivo de renutrição e reequilíbrio ecológico a partir da introdução e manejo de espécies menos exigentes, visando ao aumento gradual da diversidade e da complexidade das espécies. Enquanto um sistema agro, a proposta de agrofloresta compreende que a floresta, em sua dinâmica de equilíbrio de água e nutrientes, é o ambiente mais propício para produzir abundância de cultivos que resultem na fartura e qualidade dos alimentos. O interessante da proposta é que as plantas pioneiras, que são as que mais se adaptam a esse cenário de escassez, são fundamentais para esse processo, mas servirão, primordialmente, a partir de uma poda seletiva, como adubo para a introdução das secundárias e, finalmente, das climácicas.

Diante de nossa formação tão escassa de referentes e tão monocultural, como já havia defendido Vandana Shiva, com o conceito de monoculturas da mente<sup>11</sup>, que se refere ao paradigma epistemológico da ciência Ocidental, gosto de pensar que nossos esforços atuais pretendem construir as condições necessárias para a (re)introdução gradual da diversidade de conhecimentos na esfera do debate filosófico. Assim, nossos questionamentos filosóficos atuais, ainda tão limitados pela falta da nutrição adequada de referentes, podem, ao menos, servir de adubo para que a diversidade e a complexidade de questões encontrem gradativamente um solo mais propício e fecundo para florescer e frutificar e, dessa maneira, nos tornemos capazes de instaurar outros paradigmas de conhecimento fundamentados na diversidade, na fartura e na abundância e não na escassez e na exclusão.<sup>12</sup>

Por todas essas razões, esse dossiê me parece um marco muito importante para a *Ekstasis*. E, certamente, nos enche de alegria e orgulho poder publicar um número composto totalmente por textos excelentes de mulheres discutindo um leque bastante diversificado de questões sobre feminismos. Por outro lado, como

11 SHIVA, Vandana. *Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.

12 Essa possibilidade está inspirada no ecofeminismo de Vandana Shiva apresentadas em muitas ocasiões, como, por exemplo, em *Earth Democracy* (North Atlantic Books, 2015).

disse no início, toda colheita também diz respeito à finalização de um ciclo para o início de outro e é, com esse dossiê (e fiz questão de organizá-lo antes disso), que me despeço das tarefas de editoração da revista *Ekstasis*. Essa despedida é repleta de gratidão pela certeza de que os frutos serão cada vez melhores.

Na agroecologia, as guardiãs das sementes (tarefa também desempenhada, geralmente, por mulheres) são figuras muito respeitadas e centrais, na medida em que se sabe que a seleção dos melhores frutos para serem replantados é o que promove a biodiversidade, mas também a fartura das próximas colheitas, pois as sementes vão sofrendo alterações de adaptação ao ambiente em que se encontram, produzindo assim novas variedades mais resilientes ao local e, que portanto, permitem colheitas mais abundantes. Com esse respeito e consideração, agradeço a parceria sempre generosa e gentil, com todo o cuidado, sensibilidade e responsabilidade coletiva que perpassa o trabalho cooperativo feminista, da Deborah Guimarães e da Christiane Costa, que já há algum tempo contribuem com o trabalho da revista, mas que nesta última edição assumiram muitas das tarefas de editoras-chefe, que desempenharão a partir de agora.

Gostaria ainda de agradecer à Juliana Lira pelo trabalho conjunto na editoração deste dossiê e por ter me ensinado e inspirado, tanto teoricamente quanto a partir de sua prática, sobre filosofias feministas. Agradeço ainda às autoras por compartilharem conosco seu pensamento e pelo tempo dedicado a esse material. Agradeço também a todas as pessoas que contribuíram de muitas e diferentes formas para que a *Ekstasis* chegasse até aqui, desde leitores/as a autores/as, pareceristas, tradutores/as e, sobretudo, a todas as pessoas que trabalharam nas revisões do material que publicamos durante todos esses anos. Desejo, de todo coração, que a *Ekstasis* siga florescendo e frutificando cada vez mais nossos caminhos de pensamento e ação.